

## A DIDÁTICA NO ENSINO DA FILOSOFIA NO 2º GRAU

**Maria Eugênia L. M. CASTANHO**  
PUCCAMP

“A verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo.” Merleau-Ponty

Para pensar o papel da Didática no Ensino da Filosofia no 2º grau é necessário antes de mais nada esclarecer o que é Didática, Filosofia e 2º grau.

### I – DIDÁTICA

Para muitos, Didática significa “conjunto de técnicas para ensinar”. Se se examina a evolução histórica do campo, desde o aparecimento do termo com Comênio e sua *Didacta Magna* em 1657 até os dias atuais percebe-se que suas características mudam dependendo do contexto histórico em que se situa. Se o ensino tradicional privilegiava o conteúdo em detrimento da forma, o ensino renovado exigido pela sociedade industrial, que tem como marco histórico o movimento da Escola Nova, surge como um libelo em favor da forma (das técnicas, do como fazer) pondo a questão dos conteúdos para o segundo plano.

A valorização da forma em detrimento do conteúdo acaba desembocando em uma reação por parte de didatas mais críticos em um momento em que toda a educação passa a ser revista fazendo com que toda a programação dos cursos didáticos seja revista, reformada, alterada. Assim é que os profissionais da área, a partir do final da década de 70 e início de 80 alteram seus programas de curso, incluindo e mesmo enfatizando, privilegiando ou até absolutizando, as críticas sociais, políticas, econômicas e culturais à nossa realidade visando com isso deslocar a supremacia tecnicista que era reservada à Didática.

A Didática passou a ser um campo de discussão de temas filosóficos e científicos e, embora afirmando sua dimensão técnica, pouco tem avançado nessa direção. É como se os didatas temessem sua identificação

com o tecnicismo, entendido como postura técnica desvinculada de posturas teóricas. E a própria questão do objeto da Didática passou a ser colocada: afinal, qual é seu objeto? Qual é sua identidade<sup>1</sup>?

A confusão se instala e surgem propostas de inclusão de novos campos de estudo para a disciplina, tais como Psicologia Social, Semiologia, Antropologia, Lingüística etc.<sup>2</sup> Ora, se a crítica anterior era de que a Didática estava sendo invadida por outros campos como a Política, a Sociologia, a Economia etc. o que ocorre com as propostas acima referidas é de continuar a invadir a área, só que com novas ciências, mais novas, mais "modernas", mais pertinentes ou seja lá o que for. Entretanto, o problema da invasão persiste e conseqüentemente o da definição do objeto.

O equívoco está em se pretender escamotear ou minimizar o caráter técnico da disciplina: a Didática é uma disciplina **técnica**. Refere-se à dimensão técnica do processo ensino-aprendizagem. Afirmar isso não significa isolá-la do dado ideológico ou científico. Há uma vinculação tão íntima entre filosofia, ciência e técnica que torna-se até mesmo cansativo querer insistir em que os três níveis são solidários permanentemente. O perigo está em querer fazer a assepsia da Didática, promovendo-a como um campo técnico devidamente esterilizado de opções teóricas e científicas, porque tal não existe. Nos momentos, aliás, em que mais se prestou à consecução de fins políticos, foi apresentada como "neutra". É a essa matriz que se tem dado o rótulo de "tecnicista". A Didática é portanto técnica sem ser tecnicista.

A reflexão sobre o como fazer é importante. O modo de trabalhar no cotidiano da sala de aula exige competência do profissional na utilização de um número muito grande de informações sobre metodologia de ensino, sobre técnicas de seleção de conteúdos, de objetivos, de processos de avaliação etc., caso contrário poderá estar reforçando um paradigma alienante nos alunos, através de mecanismos ocultos de alienação na sala de aula. Em suma, a descoberta de soluções técnicas para o ensino é relevante na sociedade capitalista ou socialista, na sociedade em transição para o socialismo ou com o socialismo já implantado. Denunciar o momento cruel por que passa a educação no Brasil de hoje não pode levar a renegar a dimensão técnica do ensino.

## II – FILOSOFIA

A Filosofia. O que entender por Filosofia? Como produto cultural do ser humano, é histórica. Na Idade Média, definida em oposição à Teologia, antes disso, na Grécia do século V a.C. em oposição ao conceito de mito, hoje em oposição ao conceito de ciência. É o conhecimento sistematizado sobre a condição humana, sobre a sociedade, sobre a cultura,

sobre o mundo da natureza. Não tem uma identidade imutável ao longo da história, está condicionada ao contexto histórico. Sua grande característica é a proposição sempre crítica das questões fundamentais do ser humano.

### III – O SEGUNDO GRAU

A didática da filosofia no 2º grau. O que é o segundo grau? O que deve ser o 2º grau? A indefinição ocorre na prática e na legislação. Às vezes é aproximado do 1º grau (enfatizando-se a educação geral, propedêutica), às vezes é aproximado do 3º grau (caráter terminal, profissionalizante). Se a lei 5692/71 exigia a profissionalização, a 7044/82 retirou-a. Se antes não cabia a Filosofia nos currículos, a partir de 1982 ela pôde voltar a constar das grades curriculares e aí já se pode notar uma contradição. Por que a Filosofia caiu do currículo quando entrou a profissionalização e pôde voltar quando a profissionalização caiu? Evidentemente é ingênuo acreditar que a questão possa ser explicada apenas por um problema de folga ou não nos horários. É preciso também apontar que muitas, muitíssimas escolas ainda não incluíram essa disciplina no rol curricular.

Entendemos que a questão do trabalho é a principal a ser explicitada com o 2º grau. O estudante deve ter a unidade entre teoria e prática, entre conhecimento e ação concreta, entre trabalho manual e trabalho intelectual. Perceber como os princípios científicos são incorporados ao processo produtivo, como a ciência é revertida na prática concreta dos homens. Não se trata de profissionalizar, no sentido de adestrar para uma ocupação em particular, mas de permitir que os princípios que regem o processo de trabalho sejam de fato assimilados, concretamente. Trata-se de dominar o conjunto do processo pelo qual os princípios teóricos se tornam presentes na prática real dos seres humanos. Só a partir dessa base é que o indivíduo se especializará para determinada profissão. Orientar para uma prática profissional mecânica e imediata sem permitir a compreensão do sentido dessa prática significa afastar o jovem do domínio das formas elaboradas de cultura.<sup>3</sup>

Assentadas as linhas básicas do que entendemos por Didática, Filosofia e 2º grau, trata-se agora de pensar a possível contribuição que a dimensão técnica possa dar ao ensino da Filosofia. Se a Didática é a reflexão sobre a dimensão do como fazer o ensino e se a Filosofia é a reflexão sistemática sobre os problemas da existência, podem ser encontrados diversos pontos de interseção: ensina-se Filosofia? Como ensinar? Quais os problemas básicos? Como estabelecer o conteúdo de um programa de Filosofia para jovens de 2º grau? Como preparar professores para tal tarefa? Existe uma didática para a Filosofia? Como a aula de Filosofia repercute em um aluno de colegial? Como os métodos no dia a

dia podem influenciar a formação da consciência histórica dos alunos? Dentre essas e muitas outras questões, privilegiarei as que se seguem.

#### IV – O ALUNO NA SALA DE AULA

Ao mesmo tempo em que defendemos uma linha não propedêutica e também não profissionante para o 2º grau porém uma postura que leve o jovem a dominar criticamente os princípios científicos que se materializam no mundo do trabalho, temos consciência de que o aluno de colegial que está diante de nós nas salas de aula é um ser submetido há muitos anos a um processo de alienação paulatina consolidando-se ao longo de sua vida escolar e extra-escolar. E isso há de estar presente ao se desencadear qualquer trabalho na área de filosofia.

Em um texto bastante oportuno, Nudler<sup>4</sup> aponta mecanismos de alienação que ocorrem nas salas de aula e que vão lenta e seguramente encaminhando para a formação de um paradigma alienante que leva o indivíduo a tornar-se acrítico e conformado. O primeiro, denominado **verbalismo**, refere-se à maneira pela qual a escola trabalha os conteúdos. As palavras são usadas para substituir a observação direta e a experiência vivida. A palavra, ao invés de ser utilizada para desvelar, para revelar a realidade, escamoteia essa realidade, cria uma área simbólica pura, separada artificialmente e desconexa da experiência vivida, a atenção é desviada para uma área simbólica que nada tem a ver com o que é vital. A capacidade de observação do aluno é forçada a se reprimir e a caminhar em direção a um mundo de palavras vazias que desaparecem depois da prova.

Um outro mecanismo também presente na sala de aula e igualmente com conseqüências deletérias para a formação do aluno é o **congelamento do real**. Trata-se de apresentar a realidade como algo estático, fechado, acabado e que não pode ser aperfeiçoado, mudado, transformado. Uma realidade apresentada como devendo ser descrita, classificada, nomeada, mas não explicada, valorizada, modificada. Através desse mecanismo, ensina-se de modo a incutir no educando a idéia de que as grandes transformações ocorreram no passado, não hoje.

Também há procedimentos de sala de aula que levam o aluno ao **formalismo**, à adaptação às estruturas. A ênfase é colocada nas formas, levando à introjeção de normas rígidas e uniformizantes relativas à disciplina e à autoridade. Formalismo e autoritarismo levam ao respeito às estruturas que dominam e subjagam o vital.

**Detalhismo**, compartimentalização, acumulação. A perda de visão da totalidade leva a enfatizar o detalhe. Quando o indivíduo se atém ao detalhe deixa de ver o todo, as vinculações globais e estruturais. As formas desviam a atenção dos conteúdos, a ênfase sobre os heróis desvia a

atenção do processo histórico. Produz-se uma visão compartimentalizada da realidade, não há interação entre as partes, uma está desconectada da outra. Subjacente a esta maneira de ver a sociedade fragmentariamente, a esse fenômeno de castração da capacidade de pensar em termos de estruturas, está a concepção acumulativa do conhecimento, a concepção de que aprender significa absorver informações e não proceder à análise ou relacioná-las umas com as outras.

Além desses pontos já colocados ocorrem outros de igual gravidade. A educação também destrói ou deforma a curiosidade natural do educando ao invés de dirigi-la para caminhos instigantes e provocativos. Um aluno curioso que indaga as causas dos fenômenos, que busca respostas radicais, que faz perguntas radicais, que não se satisfaz diante das primeiras evidências, seria um indivíduo perturbador, dificilmente adaptável às estruturas.

Há ainda um último mecanismo muito presente em nossas escolas: **mercantilismo e competição**. A escola estimula a competição e não consegue desenvolver um sentimento de comunidade entre seus integrantes, o exercício de relações de solidariedade, preparando cada aluno, individualmente considerado, para adaptar-se à sociedade competitiva onde têm êxito os mais "vivos". O conhecimento não é valorizado em sua real significação mas apenas para conseguir nota, promoção e ascensão social. O educando vai se desumanizando na medida em que canaliza sua energia não para amadurecer ou se integrar criativamente à sociedade mas para subir na escala social.

Lenta e diariamente esses mecanismos atuam, reforçando a formação de um indivíduo que não compreende e não se interessa por sua realidade social e nem sabe se vincular de forma crítica a essa realidade.

Esses mecanismos estão ligados à forma de trabalhar com determinados métodos e técnicas de ensino. Ora, como não há como separar conteúdo e forma, segue-se que um professor pode estar desenvolvendo conteúdos nos quais ele realmente acredita como propiciadores de desenvolvimento de consciência crítica, por exemplo, e estar reforçando a alienação do aluno pela maneira com que trabalha, com que apresenta suas aulas, como prevê (ou não) a atividade do aluno, enfim, pela maneira como se caracteriza seu ensino. O como fazer é indispensável para a consecução dos fins maiores da educação. E se manifesta cotidianamente, através de cada proposta de reflexão (ou de não reflexão), de cada atividade desenvolvida.

## V – A MOTIVAÇÃO NO ENSINO DE FILOSOFIA

Muitas vezes o estudante não tem uma atitude de interesse frente ao estudo da filosofia. Não tem motivação. Por que isso ocorre? Há,

segundo Ricardo Navia<sup>5</sup>, os que priorizam o fator técnico-metodológico chegando a apresentar a Filosofia em vídeo-cassetes ou os que pensam que o problema está em aspectos físicos como o modo de dispor as carteiras em sala de aula. Evidentemente e segundo mostra o autor uruguaio estes aspectos não estão no centro da problemática e não elucidam o tema.

A regra de ouro segundo Navia da motivação é a de que as pessoas se sentem motivadas pelas atividades que de alguma maneira estão ligadas aos seus problemas e inquietudes (e que de uma maneira ou de outra estão vinculadas aos grandes temas do pensamento científico ou filosófico contemporâneo). Nosso tempo é carregado de desafios, possibilidades e incertezas e os grandes temas daí decorrem. Temas que exigem uma definição axiológica e que são os mesmos que comovem os jovens, que estão ligados ao sentido de nossa vida. Seja qual for a natureza e disciplina específica que aborde um determinado tema, sempre os temas deixam uma margem para a reflexão filosófica nunca esgotada pela ciência correspondente. Isso não significa defender um "presentismo" que representaria perda de perspectiva e desprezo aos legados históricos levando a uma posição anticultural, desorientadora e superficial. Trata-se de estudar os temas da História da Filosofia, da Ciência e da Cultura na perspectiva de nosso tempo, mostrando as raízes de nosso acervo e as mudanças radicais que ocorrem de acordo com o contexto sócio-histórico-cultural. Isso não significa abandonar seu nível teórico, já que a Filosofia é atividade teórica. Trata-se de apresentar a Filosofia como História da Filosofia, já que não há nela uma essência imutável mas um fazer-se enquanto processo. O estudante adquirirá um gosto muito grande em estudar Filosofia quando perceber que ela lhe dá as chaves para entender-se, entender seu mundo, libertar-se dos grilhões que o aprisionam ao seu mundo mais imediato.

## VI – RECURSOS DIDÁTICOS

Embora o problema central do ensino da Filosofia seja de enfoque programático, de consciência histórica e cultural, Navia propõe alguns recursos que podem colaborar para as aulas de Filosofia: existência e manejo de materiais com informações significativas e de diferentes áreas; tratamento interdisciplinar, textos ágeis e modernos, utilização de materiais sem cair no "tecnicismo", estímulo à participação do aluno, investigação e outras atividades criativas como fóruns, polêmicas, debates etc.

## VII – PARA CONCLUIR:

**(sempre provisoriamente porque o processo não se congela)**

Há muitas questões didáticas, questões técnicas envolvidas na problemática que vimos analisando. Abordamos algumas poucas que nos

pareceram relevantes. É evidente que o problema da educação hoje, no contexto brasileiro atual, é eminentemente político e exige soluções políticas. É também bastante claro que o direcionamento do ensino de 2º grau está longe de ser resolvido, apresentando-se com grandes desafios práticos. Urge recolocar a discussão e buscar uma direção para esse grau de ensino. Convém ouvir o que se segue:

na definição de políticas para o 2º grau é importante ver com cautela a profissionalização, não para negá-la, mas sim para direcioná-la conforme os interesses dos trabalhadores. O ensino técnico, nos moldes tradicionais, não atende necessariamente a esses interesses. Para esse fim, é necessário que esteja centrado no domínio de princípios que permitam entender o capitalismo contemporâneo, o papel desempenhado pela ciência e a tecnologia em seu desenvolvimento e as relações sociais geradas pelo contexto histórico em que ocorrem esses fatos. Entretanto esse é também o conhecimento necessário a qualquer cidadão que pretenda compreender sua época.<sup>6</sup>

Para trabalhar com aulas de Filosofia para jovens do 2º grau e para que esse trabalho seja significativo para tais jovens, uma clareza por parte dos educadores da íntima solidariedade que existe entre conteúdo e forma, entre postura teórica, científica e técnico-pedagógica só poderá render bons frutos. Ser crítico interessa a qualquer ser humano e não apenas a quem tem aulas de Filosofia. Tais aulas constituem um momento privilegiado que não pode ser desperdiçado. O educador usa mecanismos para propiciar o domínio da cultura produzida pela humanidade e promover sua crítica. O que se visa é a formação de cidadãos críticos, ativos, que intervenham no processo de transformação da sociedade. Esse processo comporta o domínio das formas que permitam chegar à cultura sistematizada. E por esse motivo, se não existissem outros, já estaria justificada a importância da reflexão sobre a Didática no ensino da Filosofia no 2º grau.

## NOTAS

(1) Essa discussão está em meu capítulo "Os objetivos da educação" in **Repensando a Didática**, vários autores, pp. 53 e 54.

(2) cf. Magda B. SOARES, "Didática: uma disciplina em busca de sua identidade", Revista *Ande* nº 9, p. 40.

(3) cf. Dermeval SAVIANI, O papel do educador na sociedade atual in *Jornal do 1º Congresso de Educação*, SBO, SP, 1985.

(4) Telma B. NUDLER, La educación y los mecanismos de la alienación, pp. 91-109.

(5) Ricardo NAVIA, El Problema de la motivación en la enseñanza media de la filosofía, Montevideo, 1987.

(6) M. Umbelina SALGADO, *Cadernos CEDES* Nº 20, p. 87.

## BIBLIOGRAFIA

- CASTANHO, Maria Eugênia.** Os objetivos da educação in **Vários, Repensando a Didática**, Campinas, Papirus edit., 1988.
- LOWY, Michael.** Objetividade e ponto de vista de classe nas ciências sociais in **Método dialético e teoria política**, RJ, Paz e Terra, 1978.
- NAVIA, Ricardo.** El problema de la motivación en la enseñanza media de la Filosofía, Montevideo, Uruguay, 1987. Trabalho apresentado ao III Encontro sobre ensino médio da Filosofia, organizado pela FEPAI (Federação para o estudo do pensamento argentino e ibero-americano), 2 e 3 de outubro de 1987, Buenos Aires.
- NUDLER, Telma B.** La educación y los mecanismos de la alienación in **Crisis en la Didáctica**, Buenos Aires, edit. Axis, 1975.
- SALGADO,, M. Umbelina.** A formação profissional e o ensino de 2º grau in **Cadernos CEDES nº 20**, SP, Cortez edit., 1988.
- SAVIANI, Dermeval.** O papel do educador na sociedade atual in **Jornal do 1º Congresso de Educação e 3º Simpósio de Educação Pré-Escolar**, São Bernardo do Campo, SP, 25-7-85.
- SNYDERS, Georges.** **Para onde vão as pedagogias não-directivas?** , Lisboa, Moraes edit., 1976.
- SOARES, Magda Becker.** Didática: uma disciplina em busca de sua identidade in **Revista ANDE ano 5, nº 9**, 1985, pp. 39-42.